

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.024

ESCREVIVÊNCIAS POÉTICAS E CARTONARIA: TECITURAS ENTRE SORORIDADE E EMPODERAMENTO FEMININO NAS TRAJETÓRIAS DE MULHERES DE ARCOVERDE - PE

Simone Salvador de Carvalho¹

Allene Lage²

RESUMO

O trabalho revela a potência que emerge a partir da produção poética feminista dos livros *Corpo - Antologias do Esperançar: Mulheres Costurando Histórias* (Chalegre *et al*, 2023) e *Raízes em Versos* (Lúcia *et al*, 2025), cuja autoria é, respetivamente, dos coletivos: *Cartoneiras do Esperançar* e *Raízes Arcoverdenses*. Por meio da observação participante, da escuta afetuosa e das narrativas (auto)biográficas é possível identificar processos de escrevivências, sororidade e resistências que ecoam nas poesias, partilhas, olhares e gestos entre as mulheres. Enquanto principais referências teórico-metodológicas utilizamos: Bacci (2020), Berth (2018), Evaristo (2020), Lobo (2019). Como resultados, destacamos não apenas o parto dos livros, mas: a riqueza da cartonaria na produção sustentável das obras, possibilitando o reaproveitamento de materiais diversos; a democratização da escrita para além dos cânones de grandes editoras; a confecção de um produto único, personalizado, cujas capas imprimem a identidade artística de cada uma das autoras;

1 Doutoranda em Educação Contemporânea na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Acadêmico do Agreste (CAA), simone.salvador@ufpe.br

2 Docente orientadora. Professora Titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Acadêmico do Agreste (CAA), allene.lage@ufpe.br

a experiência da produção por meio de oficinas que, para além do uso da cartografia enquanto método, resgatam memórias afetivas, processos de luta, de superação, de sororidade e de empoderamento, capazes de fortalecer os vínculos, estimular a coragem, a ousadia, a autoconfiança e o respeito entre elas; a crença no papel da escola, como agente de transformação e de produção de novos conhecimentos e saberes, via parcerias firmadas para socialização das experiências.

Palavras-chave: Poesia feminista, Escrevivências, Empoderamento feminino, Sororidade.

INTRODUÇÃO

Neste mulheril artístico elas sangram... Todas sangram
Vejo sangue feminino vazado sem clemência, numa grande
onda ruidosa. A expressão forte da mulher nordestina que se
derrama em arte...

Ouçã a gritaria...

Numa muvuca criativa se fazem a voz da poesia, do conto, do
desenho... Fotografia.

Inventaram um espaço de baderna e desenquadraram a forma
de expor a arte... Fazem barulho. Tumulto. Escarcéu.

Mar agitado e sangrento que se configura num vagalhão de
arte e cultura. Ondas sensíveis. Gritos soltos. Voz. Um atentado
poético.

Beatriz Canuto (2023, p. 26).

A luta por espaço e reconhecimento nas mais diversas áreas da sociedade faz parte da história das mulheres. Em relação ao pioneirismo na escrita de autoria reconhecida e a literatura poética temos na princesa mesopotâmica Enheduanna estas duas conquistas. Poetisa e alta sacerdotisa do Império Acadiano, viveu por volta de 2.285 a 2.250 a.C. Porém, só se tornou reconhecida em 1927 como a primeira autora e poetiza do mundo, quando o arqueólogo britânico Leonard Woolley encontrou o *Disco de calcita de Enheduanna* na antiga cidade de Ur, atual Iraque (Costa, 2022).

Luíza Lobo (2019, p. 4) ao traçar um resgate sobre a literatura de autoria feminina, discorre sobre a necessidade de opção pela vida religiosa para aquelas que desejavam adentrar nesta difícil arena de disputas:

Ser o outro, o excluído, o estranho próprio da mulher que quer penetrar no sério mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita—só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos.

Neste contexto, Juana Inés de La Cruz, escritora e freira mexicana (1648-1695), reconhecida por Octavio Paz (1992) como expoente do femi-

nismo e pelo Grupo Feminista de Cultura do México no prólogo da obra *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz* (Cruz, 2000) como “LaPrimera Feminista de América” (Cruz, 2000, p. 21) é um exemplo do esforço da mulher para conquistar autonomia e independência, mesmo que, para isso, tivesse que se submeter a outros espaços de dominação e opressão, neste caso, representado pela religião e o poderio da igreja católica.

No Brasil, Bárbara Heliodora é reconhecida como a primeira poetisa³ e uma das heroínas da Inconfidência Mineira (Morelato, 2019). Nísia Floresta, natural do Rio Grande do Norte, é a primeira poetisa feminista. Porém, suas contribuições ao feminismo não se encontram nas poesias e sim, na defesa e na luta pelo acesso à educação de qualidade para as mulheres. Se tomarmos por base a escrita poética transgressora, entendida como aquela capaz de ir de encontro as normas socialmente impostas e, muitas vezes, naturalizadas, temos em Gilka Machado uma referência de escrita amorosa e erótica. Sua obra revela um “[...] pioneirismo na abertura de espaços contra o paradigma masculino dominante” (Soares, 1999, p. 93).

Abrir espaços contra as estratégias de opressão e dominação masculinas presentes na sociedade, ter e ser representatividade, sentir-se encorajada a escrever, a utilizar a poesia e a voz como estratégias de luta, fortalecimento e empoderamento são importantes conquistas para as mulheres. Vivências e escrevivências que podem ser representadas pela poesia *Escarcéu* de Beatriz Canuto (2023), utilizada na epígrafe deste texto. Mas, como impulsionar este despertar para a mudança? Como irradiar a força e a capacidade de resistir para existir, para se fazer presença e inspirar outras mulheres a fazerem parte desta ciranda de sororidade? Cláudia Bacci (2020) explica que a palavra sororidade tem origem religiosa no latim medieval *sororitas*, que significa: congregação de monjas, de *soror* uma irmã carnal. A palavra passou a ser utilizada como sinônimo de irmandade, empatia e companheirismo entre mulheres.

3 Há alguns relatos históricos que apontam Antonia Cosma dos Santos, nascida em Olin-da-PE, no século XVII como a primeira poetisa (Renoldi-Tocalino, 1992). Porém, Bárbara Heliodora tornou-se nacionalmente reconhecida como tal.

Lobo (2019) discorre sobre a literatura de autoria feminina como aquela na qual se“ [...] exerce como tomada de consciência do seu papel social” (Lobo, 2019, p. 4) Em contraposição a autora alerta sobre uma postura de

[...] igualmente não-feminista ou não racial com as outras vozes, ou seja, de **apagamento** das **diferenças** e não como uma voz alternativa ou a expressão de uma minoria. Neste caso, o suposto humanismo que tenta **apagar as diferenças** é, na verdade, temor por acirrará-las, ao fingir não vê-las, como se não tivessem sexo ou cor e como se tudo fosse universal (Lobo, 2019, p. 4).

Para a autora, aquelas que ainda não tem consciência de sua posição como mulher, no todo social não são representativas da literatura de autoria feminina. Portanto, com base em Lobo (2019) compreendemos que se trata de uma escrita eminentemente política e cujo potencial pode contribuir para o empoderamento, libertação e transformação da condição feminina.

Frente a isto, fomos motivadas a realizar a presente investigação de experiências desenvolvidas por dois coletivos femininos da cidade de Arcoverde-PE, na tentativa de descobrir: *Como a produção literária e cartonera pode contribuir para estimular a sororidade e fortalecer o empoderamento feminino?* Esta é a questão central que move a presente pesquisa, que emerge a partir de interlocuções, inicialmente estabelecidas na disciplina *Escuta, Curiosidade e Amor*⁴, por meio da qual fomos convidadas a experimentar uma outra forma de fazer pesquisa acadêmica, apontando caminhos em busca de superar a lógica tradicional positivista, explorando nuances que entrelaçassem processos de escuta, curiosidade e amor na produção de conhecimentos. A riqueza de dados obtidos levou-nos a elaborar diferentes produtos de conhecimento, dentre os quais, este

4 Disciplina ofertada de forma híbrida pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da UFRJ (PPG-HCTE/UFRJ) e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR (PPGE-UFPR), respectivamente, pelo Prof. Dr. Igor Valentim e a Profa. Dra. Juliana Crespo.

texto. Aqui, assumimos o desafio de partilhar a potência que emerge da produção poético-literária e das vivências das participantes dos coletivos *Cartoneras do Esperançar* e *Raízes Arcoverdenses*.

Com base na questão central, definimos como objetivo geral: compreender como a produção poético-literária e a confecção de livros cartoneros contribuem para reafirmar e fortalecer a sororidade e o empoderamento feminino. Como objetivos específicos, elegemos: identificar quais elementos presentes na oficina de produção do livro cartonero *Raízes em Versos* e em poesias do Coletivo Raízes Arcoverdenses, contribuem para reafirmar práticas de sororidade e empoderamento feminino; verificar a partir da trajetória das Cartoneras do Esperançar, quais elementos evidenciam e reafirmam sororidade e empoderamento feminino.

Para tanto, tomaremos por bases discussões teóricas que, a nosso ver, são extremamente relevantes para analisar as experiências aqui abordadas, bem como, para materializar práticas transgressoras na produção e socialização de conhecimentos. A primeira diz respeito ao empoderamento. Ao discutir sobre empoderamento, Joice Berth (2020) destaca que o mesmo representa uma:

[...] **aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática, algo contestador e revolucionário na sua essência.** Partimos de quem entende que os oprimidos devem empoderar-se entre si e o que muitos e muitas podem fazer para contribuir para issoésemear o terreno para tornar o empoderamento fértil, tendo consciência, desde já, que, ao fazê-lo, entramos no terreno do inimaginável: o empoderamento tem a contestação e o novo no seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada (Berth, 2020, p. 153, grifo nosso).

Neste processo de conscientização coletiva e transformação contestadora e revolucionária, a escrituridade assume um papel essencial. Trata-se de um conceito criado por Conceição Evaristo e que segundo ela:

[...] em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão

também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e atécrianças. E **se ontem nem a voz pertencia à s mulheres e escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também.** Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nos-sas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p. 30, grifo nosso).

Dessa forma, entendemos neste trabalho que a escrevivência representa a coragem daquelas que ao se apropriarem dos signos gráficos e do valor da escrita, o fazem para representar suas vivências cotidianas, desafios, sonhos, medos, anseios e projetos por meio de suas poesias e ações coletivas. Uma escrita produzida a partir de um núcleo e que versa sobre esse mesmo núcleo. Como afirma Evaristo *apud* Fonseca (2020, p. 63): “Édesse meu lugar, édesse de ‘dentro para fora’, que minhas histórias brotam”. Assim, utilizam-se da escrita poética para ecoar os gritos, muitas vezes, silenciosos/silenciados, com os quais outras se identificam ao terem acesso à s suas obras e momentos de partilhas.

Para assegurarem a divulgação de sua produção, fazem a escolha pela cartonaria. Uma técnica que, nas palavras de Ary Pimentel (2021) surge a partir da necessidade de “ [...] produzir livros de forma não industrial, reinventando o destino do papelão descartado e superando tradicionais obstáculos que os subalternizados enfrentaram para acessar os espaços de representação” (Pimentel, 2021, p. 2). O autor acrescenta que:

O reaproveitamento de papelão garante **outro patamar de trocas culturais, incorporando os subalternizados à confecção de capas e à produção de discursos de autorrepresentação.** [...] e possibilita a publicação de livros por parte daqueles que não tinham quaisquer acesso ao mercado editorial (Pimentel, 2021, p. 5, grifo nosso).

Assim, trata-se de uma produção sustentável, que surge a partir da ousadia daquelas que se permitem escrever sobre a condição do ser mulher na sociedade e de suas experiências cotidianas. Para adentrarem no mercado editorial, utilizam-se da cartonaria enquanto técnica de produção e publicização de suas escrevivências poéticas, com a confecção de capas personalizadas, por meio da pintura, do recorte, da colagem

de papel, de tecidos, de folhas, flores, etc.; que dão vida, representatividade e identidade a cada livro. Neste processo, vivenciam momentos de partilhas, afetos, empoderamento e sororidade que as leva a assumirem novos projetos e propostas de ações coletivas, conforme apresentaremos ao longo do texto. Como metodologia, optamos pela observação participante e narrativas (auto)biográficas, por meio de entrevistas narrativas.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por meio de observação participante e entrevistas narrativas, nos meses de abril e maio de 2025, com dois coletivos de poetisas de Arcoverde. A principal semelhança entre eles diz respeito a diversidade de sujeitos representadas em ambos. São mulheres diferentes em raça/etnias, classes sociais, gerações, orientação sexual, estado civil, escolarização, escolhas profissionais, talentos, fé/religiosidade, etc.; o que os torna ainda mais ricos. Algumas delas, a exemplo de Gabriela Oliveira e Alba Chalegre, representam um elo de ligação. A primeira por fazer parte dos dois. A segunda por coordenar as oficinas de cartonaria e ter publicações nas duas obras. Além disso, em atividades realizadas por qualquer dos coletivos, há sempre a representação do outro, superando a lógica de disputa, alimentada pelo patriarcado.

Quanto as diferenças, destacamos, principalmente, a origem de cada um deles. O primeiro, *Cartoneras do Esperançar*, começa a partir de um projeto realizado no Sesc Arcoverde, no período de setembro a dezembro de 2021, para a escuta de mulheres que sofreram violência e que culminou na Mostra fotográfica: *Violência, depois do Caos a Cura* e na produção do livro cartonero *Do caos a cura em outras formas* (2022). Nas palavras da poetisa, professora e escritora Alba Chalegre (2025), ao final da experiência surgiu o questionamento:

E agora, vai ficar só nisso? Aí tivemos a ideia da oficina, que aconteceu em 2022 e era pra ser apenas uma semana. No encaminhamento da oficina a mulherada se olha e diz: Isso

aqui tem que continuar. Aí resolvemos continuar com os encontros uma vez por mês (Chalegre, 2025).

Estes encontros deram origem ao grupo, a escrita das poesias e a produção do livro *Corpo - Antologia do Esperançar: Mulheres Costurando Histórias* (2023), primeira obra do coletivo, que já está com um novo projeto de escrita em andamento. O coletivo é bem democrático. Muitas mulheres que estiveram na oficina não continuaram. Outras foram sendo agregadas ao longo destes três anos de existência. Seja por meio de oficinas de cartonaria, seja por meio do atual projeto *Terapia de Sarau*, aprovado pela Lei Paulo Gustavo, ou por encontro esporádicos, laços vão sendo fortalecidos, novas participantes vão se chegando e o trabalho de escuta terapêutica, afetiva e libertadora vai se concretizando como uma das marcas do grupo.

O coletivo Raízes Arcoverdenses tem início em 2023, a partir da articulação de mulheres poetisas que reúnem-se para produzir conteúdos para a página do Youtube: *Entre Poemas*⁵, criada em 2020. Como explica M^a Lúcia Lima (2025), daí surge a ideia do livro que, com o apoio da Lei Aldir Blanc, do Ministério da Cultura e do Governo de Pernambuco, conseguiu recursos para execução do projeto.

Para dar conta dos objetivos deste trabalho, realizamos três momentos:

- Primeiro momento-05 a 07 de abril: oficina de cartonaria para a produção do livro do coletivo de mulheres poetisas Raízes Arcoverdenses, que aconteceu na Estação da Cultura, em Arcoverde-PE;
- Segundo momento-13 de abril: entrevistas narrativas com representantes do coletivo de mulheres Cartoneras do Esperançar, no atelier e residência de Eva Duarte;

5 <https://www.youtube.com/@entrepoemas45>

- Terceiro momento–15 de maio: Sarau de lançamento do livro *Raízes em Verso*⁶, do Coletivo Raízes Arcoverdenses, na Biblioteca do Sesc Arcoverde.

É importante salientar que nosso primeiro contato com o grupo Raízes Arcoverdenses foi na oficina de cartonaria. Por outro lado, conhecemos as Cartoneras do Esperançar desde o lançamento do livro, em 2023 e já participamos de algumas das atividades que realizam, o que despertou a curiosidade em descobrir a metodologia que permeia a potência de suas ações. Os resultados deste processos serão apresentados e discutidos a seguir. Destacamos ainda que os relatos aqui descritos e as imagens utilizadas foram devidamente autorizados por escrito, por cada uma das participantes-sujeitos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

PARA ALÉM DA TÉCNICA CARTONERA: A OFICINA COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO E (RE)SIGNIFICAÇÃO DO SER MULHER

Entre os dias 05 a 07 de abril de 2025, participamos da oficina de cartonaria para a produção do livro *Raízes em Verso* (2025), na Estação da Cultura, em Arcoverde-PE. Local propício para o aflorar da criatividade e a emergência da arte em suas mais diferentes dimensões, o espaço acolhe vários grupos de artistas que cuidam dele e realizam ações de arte e cultura, tais como: cineclubes, apresentações teatrais, rodas de conversas, de leitura e de literatura, capoeira, ateliês de graffiti, rabeca, artes plásticas, grupos de bois, de ursos, de maracatus e similares.

A atividade foi coordenada por Alba Chalegre, que além de poetisa, escritora e professora, é também proprietária da Editora Cartonera Estações e uma das fundadoras do Coletivo Cartoneras do Esperançar. Em

6 A versão em e-book está disponível gratuitamente no Instagram do Coletivo <https://www.instagram.com/raizesarcoverdenses/>

linhas gerais, foram realizados momentos de: a) acolhimentos, dinâmicas de interação e danças circulares com músicas que abordam a potência do encontro entre mulheres, o empoderamento e a força feminina; b) reflexões sobre a importância de celebrar o momento, as conquistas, a trajetória e a presença de cada uma das participantes neste processo; c) aprofundamento teórico- metodológico sobre a conceituação, principais metodologias de produção, valor artístico e desenvolvimento da cartoneira ao longo da história; d) por fim, a fabricação das obras.

Organizado de forma circular, o espaço estava decorado com vários títulos produzidos por meio da técnica cartonera, permitindo às participantes uma imersão num universo ainda pouco divulgado, porém, de grande valor sociocultural, econômico e ambiental. Trata-se, de uma atividade sustentável que possibilita democratizar a produção e publicação de livros dos mais diversos formatos e temas, valorizando a autoria e reaproveitando materiais que, possivelmente, seriam descartados.

Pelo teor do livro e o contexto de sua elaboração, reflexões sobre a escrita de autoria feminina, a luta pela conquista do direito a autoria por parte das mulheres ao longo da história, o conteúdo das poesias e o valor que estas representam enquanto sororidade e empoderamento, abordando questões como o despertar, a cura, a revolução feminina, as trajetórias e desafios do ser mulher, vieram à tona em vários momentos do debate. Os trechos a seguir, respectivamente de autoria de Lúcia Lima, Carolayne Antunes e Gabriela Oliveira, descrevem um pouco do estilo poético, político e libertário adotado pelo coletivo:

Somos poesia, palavra e ação,
Corpos em movimento, vozes em união.
Tecemos juntas um manto de lutas
De mãos dadas, ninguém fica no chão (Lima, 2025, p. 18).

Eu sou a força que o vento não cala,
O grito que ecoa no peito da sala.
Sou chama que arde, sou fogo, sou fé,
Um mundo inteiro em cada mulher (Antunes, 2025, p. 22).

Na sombra da escuridão se esconde o grito de dor,
Na revolução do tempo, surge a voz que clama por justiça
Mulher, na luta incessante, escreve sua própria história,
Desafiando o silêncio, escreve em letras de glória.
(Oliveira, 2025, p. 34)

As autoras assumem um estilo que, com base em Lobo (2019) pode ser classificado como uma literatura de autoria feminina. Seus versos evidenciam processos de resistência, empoderamento, sororidade e libertação, representados pelo cuidado, a união, a luta por justiça, etc. Vale ressaltar a força de suas escrituras, uma vez que materializam suas trajetórias enquanto mulheres, mães, filhas, esposas, profissionais, etc., conforme compartilharam durante as dinâmicas realizadas em alguns momentos da oficina, nos quais eram convidadas a falar sobre si, a exemplo do momento onde cada uma levou um objeto que a rerepresentasse e contou um pouco da sua história, conforme figuras 1, 2 e 3.

Figura 1: Dinâmica sobre você a partir de um objeto que te representa



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 2: Dinâmica sobre você a partir de um objeto que te representa



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 3: Dinâmica sobre você a partir de um objeto que te representa



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

A cada nova etapa, foi possível perceber que um misto de sentimentos e de emoções vinham à tona por meio de gestos e/ou palavras, lágrimas

e abraços. Estavam diante de um parto coletivo, cujo potencial ia muito além da obra em si, representando a materialização de um sonho inimaginável para muitas que ali estavam.

Ao final de cada dia da oficina, foram realizadas rodas de conversas sobre os sentidos da vivência, os sentimentos e as emoções latentes. Uma estratégia interessante foi a escolha de poesias para serem recitadas, muitas destas, das próprias autoras. Uma forma de valorização de seus escritos. Entre afetos e partilhas, a sororidade foi se reafirmando. Como explica Bacci (2020), trata-se da irmandade entre as mulheres. Um conjunto de relações traduzidas em “amizade ou afeto, [...] relação de solidariedade entre as mulheres, especialmente na luta pelo seu empoderamento” (Bacci, 2020, p. 6). Vivências baseadas em laços, superações, fortalecimentos identitários que rememoram, saúdam e louvam suas ancestrais, conforme retratam as imagens a seguir.

Figura 6: Refletindo sobre autoimagem e o eu interior.



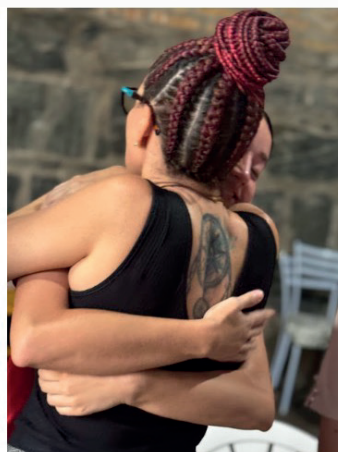
Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 5: Registro durante uma das cirandas de roda



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 6: Debates e reflexões sobre ser fortaleza e fortalecer outra mulher



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

A confecção dos livros foi um dos momentos mais intensos e cheios de significados. Desde a seleção das melhores caixas, a medição, o recorte, a colagem e a elaboração de cada uma das capas, foi possível perceber o cuidado e o zelo com a criação. A escolha dos materiais para decorar

as capas, como: tecidos, tintas, papéis coloridos, moldes vazados, flores e folhas naturais, entre outros, ia, aos poucos, revelando habilidades que muitas delas nem imaginavam possuir. As imagens 7, 8 e 9 são alguns registros do processo.

Figura 7: Etapa de recorte dos materiais para confecção das capas



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 8: Montagem final sobre o primeiro exemplar



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 9: Imagem dos primeiros exemplares produzidos



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Por meio de recorte, colagem, desenho, pintura, foram revelando criações, desde as mais simples, às mais ousadas e coloridas, revelando traços artísticos pessoais.

Além da oficina, o coletivo realizou um projeto em 10 escolas estaduais, além da participação em programas de rádio, feiras literárias e outros espaços nos quais compartilham ações e inspiram mais mulheres a acreditarem em seu potencial. A doação de exemplares para bibliotecas das escolas têm sido uma importante iniciativa de divulgação do livro. Todos estes momentos contribuem para fortalecer a compreensão sobre a relevância daquilo que fazem e que representam, assumindo o valor da autoria, superando a timidez demonstrada por algumas delas no início da oficina, fortalecendo sua autoestima e autoconfiança. As figuras a seguir apresentam a ação realizada em uma das escolas e momentos do lançamento do livro no Sesc.

Figura 10: Realização das atividades com turma de EJA em uma das escolas



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 11: Alguns exemplares expostos durante o lançamento da obra no Sesc



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 12: Imagens captadas durante o lançamento do livro Raízes Arcoverdes.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Joice Berth (2020) ao debater sobre a estética como noção de empoderamento, explica como o fortalecimento da autoestima e das estratégias conscientes para desenvolver relações intrapessoais também fazem parte de um processo ativo de empoderamento, uma vez que representam mudanças internas e individuais. Estas mudanças são fundamentais à percepção dos processos de transformação. Uma transformação que, aos poucos, torna-se perceptível nas posturas e posicionamento destas mulheres e que tem a capacidade de estimular outras a acreditarem que também são capazes.

Todas estas ações demonstram o compromisso em levar adiante um projeto que possibilita a utilização da poesia de autoria feminina como estratégia de representatividade, luta, sororidade, empoderamento, libertação e transformação. Além disso, valorizam o potencial artístico e cultural local e reconhecem os espaços escolares como importantes arenas de debates e construção de conhecimentos não só sobre poesias. Mas, principalmente, no despertar para uma escrita capaz de transgredir questões socialmente imposta, convidando outras mulheres a, conscientes de sua

posição social, denunciarem opressões e anunciarem novas possibilidades, pautadas no respeito e na equidade de gênero.

“QUEM FALOU QUEM ANDO SÓ? NESSA TERRA, NESSE CHÃO DE MEU DEUS, SOU UMA. MAS, NÃO SOU SÓ!” REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS E ESCRIVÊNCIAS DO COLETIVO CARTONERAS DO ESPERANÇAR

O título desta seção traz um trecho da canção Povoada, de Sued Nunes (2021), escolhida por dois motivos. Primeiro por ser uma das músicas sempre presentes nos encontros das Cartoneras. Segundo, por simbolizar aquilo que o grupo representa e que ficou nítido ao longo das entrevistas narrativas realizadas. Como já abordamos anteriormente, conhecíamos um pouco sobre elas a partir de alguns eventos dos quais participamos. Porém, nunca tínhamos tido a oportunidade de compreender: como se conheceram, o que as levou a participarem da oficina de cartonaria, o que aconteceu durante aqueles contatos iniciais que as motivou a dar continuidade aos encontros, quais os projetos de futuro, qual o sentido de fazer parte deste processo, entre outras questões relevantes que, a nosso ver, pudessem contribuir para compreender a essência do coletivo.

As questões pontuadas acima, foram orientadoras para nossa entrevista narrativa, que aconteceu no dia 13 de abril de 2025. Foi um momento de partilhas, reflexões, muitas lágrimas, onde as participantes foram provocadas a olhar para suas histórias e trajetórias. Os resultados foram organizados em três blocos e serão apresentados por meio de recortes que consideramos essenciais à compreensão do processo. Uma organização meramente didática, tendo em vista que há um entrelaçamento das temáticas ao longo das falas.

A atividade aconteceu no ateliê de Eva Duarte, cartonera, jornalista, professora, artesã e produtora cultural. Um espaço aconchegante, que exala arte e cultura. Bem propício à nossa conversa. As imagens 13, 14 e 15 retratam um pouco da sensibilidade artística presente no espaço que,

por opção das participantes, organizamos em círculo, com todas sentadas em almofadas no chão.

Figura 13: Símbolo de liberdade. Dobradura em exposição no ateliê de Eva Duarte



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 14: Exemplar do primeiro livro publicado pelas Cartoneras do Esperançar



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 15: Epígrafe do livro *Corpo - antologia do esperançar: mulheres costurando histórias*



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

- **O Coletivo e a literatura de autoria feminina:** espaços de libertação, transformação e vivências terapêuticas

Mais uma vez nos reportamos a epígrafe deste artigo como uma das mais representativas formas para descrever este sujeito coletivo. Não é à toa que, de forma tão profunda e criativa, a cartonera Beatriz Canuto (2023) escolhe os adjetivos: mulheriu artístico, muvuca criativa, atentado poético, entre outras. Uma trajetória que foi se consolidando a partir do encontro libertador, transformador e terapêutico entre mulheres, aqui representadas por cinco cartoneras: Alba Chalegre, Dora Gomes, Eva Duarte, Gabriela Oliveira e Sheila Caetano.

Iniciamos a conversa, perguntando como aconteceram os primeiros contatos entre elas e a decisão em participarem da oficina. Gomes (2025) revela:

Chalegre me convidou. Acho que por perceber que eu não estava num bom momento. Eu chego na oficina despedaçada. Fui só com o interesse de conseguir certificado de horas-aulas para a faculdade. [...] Em uma semana, eu vi coisas que nunca tinha visto. Eu cresci, aprendi muito.

Oliveira evidencia a potência inspiradora presente nas partilhas e no contato com histórias de outras mulheres: “Nós partilhamos vivências, leituras e conversamos, principalmente, sobre mulheres e suas histórias de vida (Oliveira, 2025).” Chalegre (2025) corrobora este pensamento, ao definir o coletivo como: “Umajuntamento de mulheres que se juntam para existir e para dar sentido ao existir de forma leve. Sua força está justamente na tomada de consciência do ser mulher. Por não parar para pensar sobre isso, é que às vezes, a gente nem se liga na potência que tem”.

Suas falas reafirmam a perspectiva de Lobo (2019) sobre o poder do exercício da tomada de consciência do seu papel social para a consolidação da escrita de autoria feminina. O que se confirma a partir da origem do livro *Corpo – antologia do esperarçar*: “[...] depois dessas conversas todas, dessas reuniões todas, tinha que registrar de alguma forma estes sentimentos e essas ideias, daí surgindo o livro”(Chalegre, 2025). Como aborda Freire (2016, 2019), essa tomada de consciência, que é um processo coletivo, é essencial às práticas de libertação e transformação. Aqui destacamos que, ao mesmo tempo a tomada de consciência se retroalimenta de ambas. Para Berth (2020) conscientizar-se criticamente e transformar a realidade é algo essencialmente revolucionário e contestador.

Chalegre descreve como os ideais de libertação e transformação estão presentes desde a essência da proposta da oficina e como se deu a escolha pelo nome do coletivo.

A oficina cartonera acontece dentro dessa proposta de **escrita libertadora e transformadora**, a partir do momento em que a gente pega as nossas narrativas e registra. Assim como, é terapêutica também. O próprio nome Cartoneras do Esperançar-cartonera no sentido de fazer literatura acessível e do esperarçar de Paulo Freire, no sentido de transformar (Chalegre, 2025).

Sua fala comprova a intenção de vivências e escrevivências capazes de mudar a condição feminina, a partir de reflexões sobre suas histórias de vida, bem como, de outras mulheres. Uma chamada a ação, uma vez que: [...] Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com os outros para fazer de outro modo (Freire, 2016, p. 61).

Ao mesmo tempo, elas narram que nada disso estava, inicialmente, planejado. Por este motivo, Chalegre (2025) considera que o Coletivo tem autonomia e vida própria. É a sua dinâmica que vai demandando novos rumos, projetos e participantes. As mulheres têm liberdade de chegar e partir, de curar-se e ir embora ou ficar. Nada é imposto. O processo é muito democrático e livre. Faz parte da perspectiva terapêutica. Cada uma participa conforme suas necessidades e desejos.

Para Gomes (2025), ficar ou não tem relação também com o fato de nem todas se sentirem livres e à vontade para partilhar suas histórias. O bom, para as que permanecem é a construção de laços de confiança, empatia e respeito. Elas sentem-se seguras e livres para contar suas histórias, dores, medos. Coisas que, talvez, as pessoas da família nem imaginem ou acreditem que elas passaram ou passam. O Coletivo é colo, é abraço, é a acolhida e a escuta sem julgamento. É onde cada uma é aceita, sem precisar deixar de ser quem é.

- **Entre vivências, escrevivências e empoderamento:** a potência do ser coletivo

Neste ponto, discorreremos sobre as narrativas que abordam vivências, escrevivências e empoderamentos que demonstram a potência da coletividade feminina. Uma energia que, segundo as Cartoneras está relacionada, principalmente, a felicidade com as conquistas individuais e coletivas de cada uma delas. Duarte (2025) começa apontando a diferença desta experiência em relação a outras que já viveu: “Os encontros são diferentes de outros que já participei em torno da leitura de um livro. Aqui,

não nos baseamos em um livro. Nossas vidas são os textos que norteiam nossas conversas e ações (Duarte, 2025). E complementa:

A gente foi provocada por Alba, com um tema e um prazo, inclusive (risos). E a experiência foi completa, por que a gente escreveu, editou, construiu a materialidade do livro. Depois escreveu release, deu entrevista na rádio e participou da Felis⁷, que é uma coisa grande. Então, toda essa experiência deixou a gente acreditando que podia escrever. Eu, 20 anos como jornalista, nunca tinha tido coragem para escrever, para colocar meu nome num livro e agora tenho (Duarte, 2025).

Este escrever a partir de experiências femininas tão diversas traz um outro sentido à prática. Experiências horizontalizadas, democráticas e que dialogam com diferentes saberes, o que fica nítido no depoimento de Caetano (2025).

[...] Eu vinha de um momento de me conhecer e estava revol-tada porque fui invadida. Estava cansada dessa história de coletivos. Desses encontros com uma liderança que quer fazer todo mundo sair pensando igual a ela. Eu só estava aceitando a ciência. [...] Quando chego aqui, é tudo o contrário. É lugar onde se respeita a ciência, mas, refletimos sobre sua não neu-tralidade. Questionamos por quem ela é feita e para que serve [...] e respeitamos os saberes de todas as mulheres que aqui estão (Caetano, 2025).

Gomes (2025), que compõe junto a sua família o Grupo de Samba de Coco Trupé de Arcoverde⁸, partilha a importância e potência do empoderamento feminino coletivo, bem como, da presença das demais participantes em momentos importantes da sua vida, o que revolucionou a sua atuação no grupo e em outras áreas de sua vida.

O que a gente tem trazido para as mulheres, para o mundo eu acho, tem significado muito. Sou suspeita... Eu nem sabia que eu sabia cantar e hoje, eu canto. Fui estimulada por este Coletivo. Na primeira vez que peguei o microfone eu tremia bastante. Tinha uma multidão diante de mim. Mas, eu só con-

7 A Feliséa Feira Literária do Sertão, evento realizado anualmente em na cidade de Arcoverde.

8 Fundado em 2009, o Samba de Coco Trupé de Arcoverde é um dos grupos tradicionais da cidade. <https://www.instagram.com/cocotruperdearcoverde/>

seguia olhar pras minhas amigas. Vocês não sabem o quanto foi importante pra mim, vocês estarem lá. Esse ajuntamento de mulheres é o que me deixa forte, para hoje está onde eu estou. Acho que se não fossem os encontros eu nunca teria me descoberto. Eu sempre achei que para mim seria só aquela vida: no meu trabalho de empregue. Eu sempre gosto de falar porque é o que eu vivi e eu tenho que falar o que eu vivi. Por que esconder? Até então eu nunca imaginava cantar, ser arte-educadora e, muito menos, fazer uma faculdade. Quando eu entro nas Cartoneras, quando acontece essa primeira semana eu estava no começo da faculdade. Fui pra a oficina intereçada no certificado de horas-aulas e eu poderia ter desistido, porque nesse meio todo aconteceu muita coisa negativa, que era pra dizer assim: você não vai seguir. Você vai parar por aqui e você vai voltar pra sua vida de sempre. Mas, não. Justamente pelo grupo é que eu fui persistente. Insisti muito. Perdi? Acho que não. Só ganhei, né? Na verdade, eu me livre. Foi um livramento (risos). Mas, é isso. Eu acho muito importante a questão do ajuntamento, né? Até pra poder a gente seguir só, com nossos projetos individuais. Hoje eu penso muito na questão de crescer como cantora e como eu tenho sido feliz. Às vezes, eu acho que não vai dar certo. Aí as meninas ficam no meu pé, dizendo vai sim.Éisso. Justamente pelo grupo, hoje me sinto muito fortalecida em todos os sentidos da vida. Não só no trabalho, não só em casa (Gomes, 2025).

A potência do ser coletivo é também destacada por Oliveira (2025) ao discorrer sobre seus sonhos e projetos individuais que acabam ficando para depois, diferente daqueles que vem sendo construídos por meio dos dois coletivos sujeitos desta pesquisa e dos quais ela faz parte.

Com o incentivo do grupo a pessoa segue. Eu acho mais fácil fazer as coisas em grupo. Não era pra ser assim. Mas, eu tenho essa necessidade de ser estimulada. De ter uma pessoa lá, para que eu possa concluir as coisas.Étanto que os livro, o Corpo e o Raízes são em grupo. Acho que é a insegurança de estar ali, de dizer: é meu nome, sou eu por eu. Em grupo é mais fácil. A gente se ajuda (Oliveira, 2025).

As narrativas apresentadas, carregadas de sentimentos, significados, emoções e lágrimas, representam um pouco daquilo que vem sendo construído ao longo da trajetória do grupo. Demonstam a importância da união, da presença e do apoio entre mulheres que se unem e resolvem

se fortalecer. A partir daí, passam a fazer a diferença em suas vidas, em suas famílias e na sociedade.

- **Sororidade-irmandade, empatia e companheirismo entre mulheres**

Neste último ponto, destacamos trechos que evidenciam o quanto os sentimentos de irmandade, empatia e companheirismo extrapolam o Coletivo, levando as participantes a pensarem sempre em expandir suas experiências e conectarem-se a outras mulheres, o que fica explícito nas palavras a seguir:

Quando a gente fala para não deixar acabar, foi justamente pensando o que a gente vive hoje que eu já via, né. No sentido assim: _Nossa, a gente vai se ver mais vezes, a gente vai conhecer mais mulheres e o crescimento não vai ser só pra mim ou pra quem esteve na oficina (Gomes, 2025).

Duarte (2025) ao falar sobre a produção do livro, destaca: Foi incrível. [...] Mas, o mais importante foi o vínculo de afeto, respeito, colaboração e ludicidade que nos une e que nos conecta a todos os grupos de mulheres que se encontram para falar e escutar, sem julgamentos em todo o mundo (Duarte, 2025). Caetano (2025) acrescenta: “Estar aqui torna as coisas mais fáceis. Eu venho e é um combustível pra semana, pro mês, até o próximo encontro. Este fortalecimento é necessário para a autonomia. Acho que todas as mulheres que se juntam, constroem autonomia”.

Sem dúvidas, autonomia e sororidade andam juntas e apontam para o empoderamento e a transformação. É por meio da empatia que as mulheres fortalecem os laços, os processos de luta e criam redes de apoio, superando barreiras impostas pela sociedade patriarcal. Sentir que não está sozinha é essencial para superar problemas e vencer o medo. Para Chalegre (2025): “Essa experiência de existir com outras mulheres te fortalece cada vez mais. É uma jornada de passos pequenos que levam a grandes transformações”.

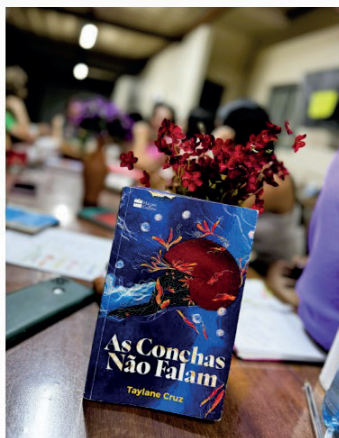
Esta consciência da necessidade de expandir a ação a mais mulheres, levou o grupo a construir o *Projeto Terapia de Sarau: a literatura em forma de remédio*⁹, aprovado pela Lei Paulo Gustavo, por meio do qual realizaram 6 encontros abertos ao público feminino, nos meses de março, abril, maio, agosto, setembro e outubro de 2025. Durante os encontros acontecem momentos de reflexão a partir de leituras de obras produzidas por mulheres, partilhas de experiências, rodas de debates, cirandas, dinâmicas com músicas, coco de roda, entre outros. As pausas para o lanche - café, chá, sucos, salgados, doces e bolos - são momentos de interações entre as participantes, ao som de músicas que retratam a alegria e a potência dos encontros entre mulheres. As imagens a seguir, mostram um pouco daquilo que acontece.

Figura 16: Terapia de Sarau, maio de 2025



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 17: Terapia de Sarau, agosto de 2025



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

Figura 18: Terapia de Sarau, outubro de 2025



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender como a produção poético-literária e a confecção de livros cartoneros contribuem para reafirmar e fortalecer a sororidade e o empoderamento feminino. A oportunidade de acom-

⁹ Para mais informações, acesse o instagram do projeto <https://www.instagram.com/terapia-desarau/>

panhar de perto dois coletivos de poetisas e dialogar sobre suas ações, vivências e escrevivências demonstra o quanto a ética amorosa é capaz de transformar vidas, por meio da valorização da lealdade e do compromisso com laços verdadeiros e duradouros (bell hooks, 2021).

Como resultados, destacamos que a oficina envolve não apenas a produção dos livros por meio da técnica cartonera. Mas, várias atividades de auto-conhecimento, reflexões sobre a identidade presente no ser mulher, a importância dos afetos, da sororidade, do respeito, da coletividade, do enfrentamento às opressões de gênero presentes na família e na sociedade, bem como, do poder que todas estas questões exercem no cotidiano e na luta das mulheres. Quanto as suas produções, revelam a potência da escrita feminina e da arte presente nas mais diversas formas e estilos adotados por cada uma delas na produção das obras, atribuindo a cada livro um valor ainda maior.

É perceptível a mudança gradativa de comportamentos e de posturas ao assumirem-se como autoras, escritoras e participantes de um coletivo, demonstrando autonomia, força, brilho nos olhos, coragem para se expressar em público e para enfrentarem situações e crenças limitantes. Por fim, destacamos o compromisso e o empenho em levar a outras mulheres projetos e ações que possibilitem a estas enxergarem e compreenderem as amarras de dominação e de opressão, o valor da união e da irmandade entre elas, a valorização e o reconhecimento da beleza presente no ser mulher.

Tudo isso, despertou-nos o desejo de investigar os resultados do projeto desenvolvido pelo Coletivo Raízes Arcoverdenses em dez escolas estaduais de Arcoverde e os impactos do Projeto Terapia de Sarau nas mulheres que participaram, no mínimo, de três dos seis encontros.

REFERÊNCIAS

BACCI, C. A. Agora que estamos juntas: memórias, políticas y emociones feministas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 28, n. 2, e72446, 2020. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X202000

Acesso em 10 jun. 2025.

BERTH, J. **O que é empoderamento?** São Paulo: Sueli Carneiro-Jandaíra, 2020. (Coleção Feminismos Plurais).

CANUTO, B. Escarcéu. *In*: CARTONERAS DO ESPERANÇAR. **Corpo**: Antologias do Esperançar. Editora Cartonera Estações: Arcoverde, 2023. p. 26.

CARTONERAS DO ESPERANÇAR. **Corpo**: Antologias do Esperançar. Editora Cartonera Estações: Arcoverde, 2023.

CARRUTHERS, P. The Contents and Causes of Curiosity. **The British Journal for the Philosophy of Science**, volume 75, number 4, December 2024. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/716609> Acesso em: 09 jun. 2025.

COSTA, L. **Quem foi Enheduanna, a primeira autora da história.** 2022. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/quem-foi-enheduanna-a-primeira-autora-da-historia/> Acesso em: 20 ago. 2025.

CRUZ, S. J. I. de. **Respuesta a Sor Filotea de la Cruz.** Prólogo: Grupo Feminista de Cultura. México, Distribuciones Fontanamara, Novena edición, 2000.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrivivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. pp. 26-47.

FONSECA, M. N. S. Escrivivência: sentidos em construção. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrivivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. pp. 59- 73.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019. FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

LIMA, M. L. Raízes em vozes. *In*: RAÍZES ARCOVERDENSES. **Raízes em Versos.** Editora Cartonera Estações: Arcoverde, 2025. p. 18.

LOBO, L. **A Literatura de Autoria Feminina na América Latina**. 2019. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/410963721/Lobo-Luiza-A-Literatura-de-Autoria-Feminina> Acesso em 10 jun. 2025.

MORELATO, A. K. S. **Quem foi Bárbara Heliodora, a primeira mulher a fazer poesia no Brasil**. 2019. Disponível em <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/quem-foi-barbara-heliodora-a-primeira-mulher-a-fazer-poesia-no-brasil/> Acesso em: 25 ago. 2025.

NOBRE, A. **Sororidade**. 2018. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/6347475> Acesso em: 09 jun. 2025.

NUNES, S. **Povoada**. 2021. Vagalume, [s.d.] . Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/sued-nunes/povoada.html>. Acesso em: 1 set. 2025.

OLIVEIRA, G. Revolução. *In*: COLETIVO RAÍZES ARCOVERDENSES. **Raízes em versos**. Editora Cartoneira Estações, 2025. p. 34.

PAZ, O. **Sor Juana Ines de La Cruz o las Trampas de la Fe**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1992.

PIMENTEL, A. Editoras cartoneras e a literatura fora do cânone: um olhar crítico para as margens do mundo editorial. **Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos**. Brasília, n. 62, e622, 2021.

RAÍZES ARCOVERDENSES. **Raízes em versos**. Editora Cartonera Estações: Arcoverde, 2025.

RENOLDI-TOCALINO, M. M. Vozes no Escuro: Notas sobre a Escritura da mulher Brasileira no período Colonial. *In*: **Revista Brasileira de História**. Vol. 12, No. 23/24. São Paulo: ANPUH/marco Zero/STC-CNPq-FINEP, set. 1991/ago.1992. pp. 167-179.

SOARES, A. **A Paixão Emancipatória**: vozes femininas de liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.